UCRÂNIA: O DESGASTE DE UMA NAÇÃO

*Por Gabriel Camilli**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

As conversas de Abu Dhabi reabrem a perspectiva de negociação, mas o fator decisivo da guerra permanece humano: a Ucrânia precisa mobilizar 30 mil cidadãos por mês, enquanto Mearsheimer prevê uma vitória russa limitada seguida de armistício.

As conversas realizadas em Abu Dhabi entre representantes da Rússia, da Ucrânia e dos Estados Unidos, seguidas pelos contatos dos enviados norte-americanos Steve Witkoff e Jared Kushner com Vladimir Putin, colocaram novamente a possibilidade de uma negociação no centro das atenções internacionais. No entanto, por trás das declarações diplomáticas, permanece uma realidade que nenhuma conferência pode, por si só, modificar: a guerra continua consumindo os recursos humanos e materiais da Ucrânia, enquanto as posições políticas dos contendores permanecem consideravelmente distantes.

A troca de prisioneiros discutida em Abu Dhabi representa uma possibilidade humanitária concreta. Contudo, as questões que determinarão o fim da guerra permanecem em aberto. A Rússia mantém suas exigências territoriais e reivindica uma Ucrânia neutra, ao passo que Kiev se recusa a abandonar as regiões que ainda controla e exige garantias de segurança por parte do Ocidente. Washington busca encontrar uma

fórmula de entendimento, embora as chances disso dependam de decisões que cabem aos próprios contendores.

A questão central é determinar por quanto tempo essa situação pode ser sustentada e quais serão as condições reais da Ucrânia quando as operações militares finalmente cessarem.

Em fevereiro de 2024, nestas mesmas páginas do *Velho General*, publicamos um artigo intitulado *Guerra na Ucrânia: A Questão Demográfica*. Nele, alertávamos: "E o fator determinante são os escassos recursos humanos". Essa observação partia de uma premissa fundamental do pensamento estratégico: as capacidades militares de uma nação dependem também de sua estrutura demográfica e da possibilidade de substituir os homens que saem de combate.

RECRUTAMENTO UCRANIANO

Em abril de 2025, voltamos a abordar o problema ao examinar a crise do recrutamento ucraniano. E, em setembro deste ano, no artigo *Ucrânia: Quando Começam a Faltar Homens*, ressaltamos que, por trás dos drones, dos mísseis e das inovações tecnológicas, reaparecia uma realidade tão antiga quanto a própria guerra: os homens. E os homens não são infinitos.

Informações recentes nos obrigam a retomar esses alertas. Em agosto, Kyrylo Budanov afirmou que a Ucrânia precisava mobilizar pelo menos 30 mil cidadãos por mês para manter seu efetivo. O número reflete uma necessidade de incorporação. Esse dado permite avaliar a magnitude do esforço necessário para sustentar uma força militar submetida a operações contínuas ao longo de anos.

O problema vai além das necessidades imediatas do *front*. A emigração de jovens, o deslocamento de famílias e a queda na taxa de natalidade afetam a disponibilidade futura de trabalhadores, técnicos e profissionais. A guerra compromete, simultaneamente, as capacidades militares atuais e as possibilidades de reconstrução nacional.

Uma ponte pode ser reconstruída, uma usina elétrica pode ser consertada e uma fábrica pode retomar sua produção. Uma geração perdida é muito mais difícil de substituir.

O professor John Mearsheimer abordou exatamente essa questão em uma longa conversa com Glenn Diesen, no dia 11 de novembro passado. Seu diagnóstico é severo. Ele considera que as exigências russas e as condições de segurança pleiteadas pela Ucrânia e seus aliados são, atualmente, incompatíveis; por isso, não vislumbra uma solução diplomática capaz de encerrar a guerra nos termos pretendidos por Kiev.

O DESFECHO E AS OPERAÇÕES

Para Mearsheimer, o desfecho será determinado, principalmente, pela evolução das operações militares. Sua previsão aponta para uma vitória russa limitada, seguida por um armistício que deixaria um Estado ucraniano enfraquecido. Ele traça um paralelo com a Coreia, onde o armistício de 1953 suspendeu os combates sem resultar em um tratado de paz definitivo (já mencionamos isso anteriormente).

Essa interpretação merece atenção, embora constitua uma previsão, e não um resultado inevitável.

O próprio Mearsheimer recorda as avaliações feitas pelo general americano Mark Milley em novembro de 2022. Após as operações ucranianas em Kharkov e Kherson, Milley considerou que havia surgido uma oportunidade favorável para negociações. Seu raciocínio baseava-se na possibilidade de a Rússia reorganizar suas forças e mobilizar recursos superiores para sustentar uma guerra prolongada. Aqui surge uma questão clássica da arte militar: o ponto culminante de uma campanha. Uma força pode alcançar resultados operacionais importantes e, ainda assim, carecer de capacidade suficiente para transformá-los em uma decisão estratégica definitiva. Quando essa oportunidade desaparece, a guerra pode adquirir uma dinâmica de desgaste que favorece o contendor com maiores reservas humanas e industriais.

A evolução posterior das operações deve ser examinada sob essa perspectiva. A Rússia conseguiu sustentar seu esforço militar e ampliar determinadas capacidades de produção, embora também tenha arcado com custos consideráveis. A Ucrânia, por sua vez, demonstrou capacidade de resistência e adaptação tecnológica, mas depende de apoio externo para manter uma parte importante de seus suprimentos e sistemas militares.

A relação entre recursos disponíveis, reposição de efetivos e duração das operações acaba condicionando as decisões políticas.

Mearsheimer traz outra reflexão que se mostra pertinente. Ele sustenta que as lideranças europeias estão comprometidas com objetivos cuja alteração acarretaria elevados custos políticos internos. Daí seu ceticismo em relação às conversas atuais.

Contudo, convém distinguir entre a dificuldade de alcançar um acordo e a sua impossibilidade absoluta. As negociações podem fracassar enquanto as posições permanecerem em conflito, mas também podem modificar gradualmente as condições para uma futura suspensão das hostilidades. As trocas de prisioneiros, embora limitadas, mostram que existem questões sobre as quais ainda é possível chegar a um consenso.

A questão territorial continua sendo o principal obstáculo visível. A Rússia exige o reconhecimento de situações que a Ucrânia considera inaceitáveis. Zelensky sustenta que abandonar as posições ainda controladas por suas forças comprometeria a segurança do país.

Dessa forma, o prolongamento da guerra não pode ser explicado exclusivamente pela vontade dos governos europeus ou pelas decisões de Washington. Também entram em jogo a percepção ucraniana da ameaça, as exigências russas e a dificuldade de estabelecer compromissos que ambas as partes considerem sustentáveis.

A diplomacia norte-americana enfrenta, justamente, essas contradições.

A administração Trump busca apresentar Washington como um impulsionador de uma solução negociada. No entanto, os Estados Unidos têm sido, ao longo destes anos, o principal fornecedor externo de capacidades militares e assistência estratégica à Ucrânia. Essa condição confere ao país influência sobre Kiev, mas, ao mesmo tempo, cria dificuldades para o exercício de uma mediação que seja plenamente aceita por Moscou.

Paralelamente, a Rússia pretende que qualquer acordo inclua uma discussão mais ampla sobre a segurança europeia. A ampliação da OTAN, o deslocamento de forças ocidentais e as garantias futuras para a Ucrânia fazem parte de um problema que ultrapassa, e muito, as atuais linhas de frente.

Os europeus, cuja segurança está diretamente comprometida, também não mantêm posições idênticas. A Polônia e os estados bálticos encaram as exigências russas a partir de uma experiência histórica distinta daquela que condiciona as decisões de outros governos do continente.

A possibilidade de uma nova arquitetura de segurança europeia existe como objeto de negociação, mas ainda carece de acordos suficientes para se tornar uma realidade política.

INVERNO E DESGASTE

Enquanto isso, o “General Inverno” volta a colocar sob pressão a infraestrutura energética ucraniana. Os ataques contra instalações elétricas e redes de abastecimento afetam a atividade industrial, as comunicações e as condições de vida da população. A destruição material traz consequências militares imediatas, mas também eleva os custos futuros de recuperação.

A guerra de desgaste assume, assim, uma dimensão que transcende o campo de batalha. Produzir e sustentar as instituições depende de recursos humanos cuja formação leva gerações.

Mearsheimer encerra sua entrevista com um alerta simples: “É muito fácil entrar em uma guerra, mas é extremamente difícil sair dela.” (já mencionamos isso em nossas crônicas prospectivas, e os leitores fiéis certamente se lembrarão).

A experiência ucraniana demonstra, mais uma vez, que as decisões estratégicas devem ser avaliadas também por suas consequências a longo prazo. Uma liderança política pode manter objetivos legítimos e, simultaneamente, ver-se diante da necessidade de reavaliar periodicamente se dispõe dos meios necessários para alcançá-los.

Para a Argentina e para o Brasil, esta guerra oferece uma lição que transcende as posições diplomáticas diante do conflito. A defesa nacional exige capacidades militares sustentáveis, reservas instruídas, sistemas de mobilização e uma base industrial capaz de repor materiais durante períodos prolongados. Exige também preservar e formar recursos humanos especializados, cuja recuperação demanda muito mais tempo do que a aquisição de um sistema de armas.

Nossa extensa geografia, a dispersão territorial e as responsabilidades no Atlântico Sul obrigam a considerar essas questões antes que uma crise imponha decisões precipitadas e dolorosas.

A soberania não pode se sustentar exclusivamente por meio de declarações de vontade. É necessária uma organização nacional capaz de converter essa vontade em capacidade efetiva de defesa.

A “Guerra da Ucrânia” nos lembra que o recurso estratégico mais difícil de recuperar é o ser humano, e que nenhuma nação deveria descobrir isso quando a guerra já tiver consumido boa parte de seu futuro.

Publicado no La Prensa.

***Gabriel Camilli** é Coronel Mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
